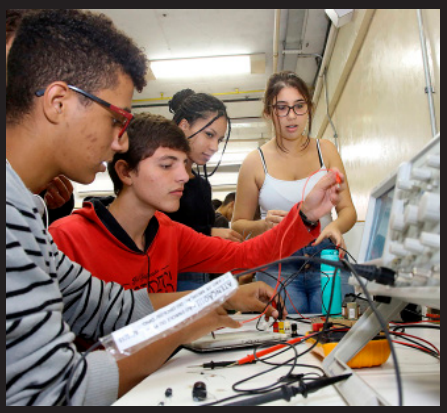
A escola e a prática da solidariedade

Leonardo Watson dos Santos



Solidariedade como prática

Práticas solidárias

Formas de acesso

Aplicação das práticas solidárias na escola

FICHA CATALOGRÁFICA

Catalogação na fonte

Reitora
Profª. Dra. Renata Mantovani de Lima

Vice-Reitor
Profº. Me. Marcelo Junqueira Pereira

Diretor Geral
Profº. Leandro Rodrigues de Souza

Diretor Executivo
Prof. Túlio Marcos Romano

Pró-Reitora de Graduação e Assuntos Acadêmicos
Prof. Dr. Lácio César da Silva

Pró-Reitora de Pós-Graduação, Pesquisa e Extensão
Prof. Dr. Lácio César da Silva

Pró-Reitora de Assuntos Administrativos
Profª. Viviane Barbosa

Coordenação do Mestrado
Profª. Dr. Antônio dos Santos Silva

Mantenedora da UninCor
Fundação Comunitária Tricordiana de Educação – FCTE

Fundação Comunitária Tricordiana de Educação - FCTE
Universidade Vale do Rio Verde de Três Corações - UNINCOR
Av. Castelo Branco, 82 - Chácara das Rosas – Centro 37410-000 - Três Corações - MG
Tel: (0xx) 35- 3239-1239
E-mail: biblioteca@unincor.edu.br

Catalogação na fonte
Bibliotecária responsável: Ernestina Maria Pereira Campos Dantas - CRB6: 2.101

ENDEREÇOS UNINCOR
UNIDADE TRÊS CORAÇÕES
Av. Castelo Branco, 82 - Chácara das Rosas 37417-150 - Três Corações - Minas Gerais
e-mail: secretaria@unincor.edu.br
Telefax: (35) 3239-1000
UNIDADE BETIM
Rua Santa Cruz,750, Centro, Betim - Minas Gerais
e-mail: secretariabt@unincor.edu.br
Telefax: (31) 3514-2500
UNIDADE BELO HORIZONTE
Av Amazonas, 3.200 – Prado - Belo Horizonte – Minas Gerais
e-mail: secretariabh@unincor.edu.br
Telefone: (31) 3064-6333
UNIDADE CAXAMBU
Rua Doutor Viotti, 134, Centro, Caxambu – Minas Gerais
e-mail: secretariacx@unincor.edu.br
Telefone: 3241-3665

Índice

Introdução 5

O que é valor? 6

Solidariedade, o que é esse valor? 8

Solidariedade como prática 10

O professor como mediador de práticas solidárias 13

Solidariedade na escola: possibilidade de práticas 15

Conclusão 20

Caro (a) leitor (a),

Esta cartilha foi elaborada com o objetivo de divulgar práticas solidárias em sala de aula bem como promover a divulgação de conhecimentos aos professores e alunos a respeito de práticas solidárias.

A escola é reprodutora de diversas relações socais ao desenvolver os diversos processos pedagógicos e, nestes, estão inseridas as práticas. A formação dos valores morais e, nestes, em específico, a solidariedade, é determinada pelos tipos de sociabilidade vivenciados pelo indivíduo durante toda a sua vida.

Desta forma, torna-se essencial, na escola, repensar e compreender como os valores morais se formam, colocando-os em prática para que,como objetivo final, sejam entregues à sociedade indivíduos intelectual e moralmente preparados para o exercício da cidadania.

Valores morais e, para o caso em específico desta cartilha, os produtos da prática solidária definem-se por qualidades atribuíveis a pessoas, fatos e objetos, que medeiam as alternativas de escolha.Os valores constituem-se em mais do que uma simples compreensão: tais conteúdos atitudinais demandam, também, por parte do indivíduo, vinculação e posicionamento pessoal.

Esta cartilha é um produto educacional de uma dissertação de mestrado profissional em Gestão, Planejamento e Ensino, componente do leque de cursos ofertados pela Universidade do Vale do Rio Verde (Unincor).

Agradeço, imensamente, à direção do Colégio de Aplicação da Universidade do Vale do Rio Verde bem como à sua equipe e aos professores pela atenção e carinho com que fui recebido bem como todas as pessoas que contribuíram para a realização desse trabalho.

Desejo a todos uma excelente leitura!

A educação exerce um papel fundamental ao contribuir para o combate às diversas formas de discriminação, ao mesmo tempo em que propicia a inserção de uma cultura de valores entre os estudantes, com destaque para a solidariedade. Promover espaços ou atividades escolares onde os discentes possam usufruir e, ao mesmo tempo, praticar ações solidárias é uma excelente forma de preparar cidadãos para o exercício da cidadania.

Esta cartilha tem por objetivo auxiliar profissionais e atores do processo educacional no desenvolvimento de práticas solidárias, originadas dos próprios planos de ensino e que, neste pequeno manual, estarão consolidadas em atitudes e ideias que, pelo seu pragmatismo, poderão ser amplamente difundidas e exercitadas pela própria escola, pelos docentes e, por fim, pelos atores mais importantes deste processo: os alunos e futuros cidadãos.

A contemporaneidade impõe-nos, por vezes, comportamentos individualistas e competitivos, os quais conduzem as pessoas a um tipo de convivência social que desagrega suas relações e, até mesmo, conduzem-nos ao extremismo da violência. Tais tipos de vínculos, degradados em sua essência, limita as possibilidades de afinidades, carreando os indivíduos a valorizarem - de uma forma míope - como estranho a seus interesses, aquilo que há de bom nas outras pessoas.

É neste ínterim que a escola, como (re)produtora de relações sociais nos seus processos pedagógicos, deve intervir, de forma pontual, no ensino de valores, os quais tem a capacidade de modificar comportamentos (individuais e coletivos), amalgamando personalidades com vistas à preparação da pessoa para a convivência em sociedade.

Valor, do latim *valere*, remete-nos à ideia de merecimento, de robustez, de força e de poder de um objeto que se impõe à consciência do sujeito.

Os valores são constituídos por características estimadas ou desejadas por um sujeito ou determinado grupo de pessoas, definindo-lhes escolhas devido ao fato de estarem intrinsecamente ligados aos desejos humanos. Desta forma, sustentam as relações sociais e embasam normas de conduta em comunidade.

Os valores expressam-se em várias formas de sentimentos: gratidão, esperança, disciplina, humildade, justiça, honestidade, coragem, felicidade, amor, compaixão, respeito, paz, tolerância, solidariedade.

Para esta cartilha, em específico, a solidariedade será o valor trabalhado, pois se acendra de importância, numa época em que são escassos, na nossa sociedade, os fundamentos e práticas que permeiam tal conteúdo atitudinal.

A Educação não pode, apenas, ter como foco a preparação do indivíduo para o mercado de trabalho, como que o atrelando a uma competitividade que, eternamente, o escravizará. Talvez, o objetivo mais crucial da Educação seja o de emancipar a pessoa, tornando-a livre para suas melhores escolhas.

Educação voltada para a solidariedade...

... ensina o verdadeiro sentido de SER humano

Com base nisso, apostamos na solidariedade como um valor capaz de agregar vários sentimentos em torno dessa redenção educadora e de transformação de ideias em ações práticas do cotidiano da escola, numa tentativa de preparar o jovem para a futura convivência em sociedade.

Ninguém vive sozinho, longe de qualquer sociedade. Estar inserido em grupos sociais, na sua família, na sua sociedade (da sua rua, do seu bairro, da sua escola, da sua cidade ou, até mesmo numa comunidade virtual) é um adágio que perpassa a nossa identidade, as nossas relações afetivas e, também, a nossa sobrevivência.

É com base nisso que a solidariedade se configura como um sentimento no qual nos identificamos com os outros em relação aos seus sofrimentos e às suas angústias, induzindo-nos a uma espécie de responsabilidade recíproca. E por isso que se menciona, acima, a condição prática de sobrevivência de uma sociedade.

Quando adentramos no campo da moral, a solidariedade é aquele sentimento que vincula o indivíduo à vida, aos interesses e às responsabilidades do grupo social no qual ele está inserido ou, num sentido maior, até mesmo à Humanidade.

A solidariedade pressupõe uma relação de responsabilidade entre pessoas as quais estão unidas por interesses comuns, onde cada elemento do grupo está investido de uma obrigação moral de apoiar o outro ou a todos.

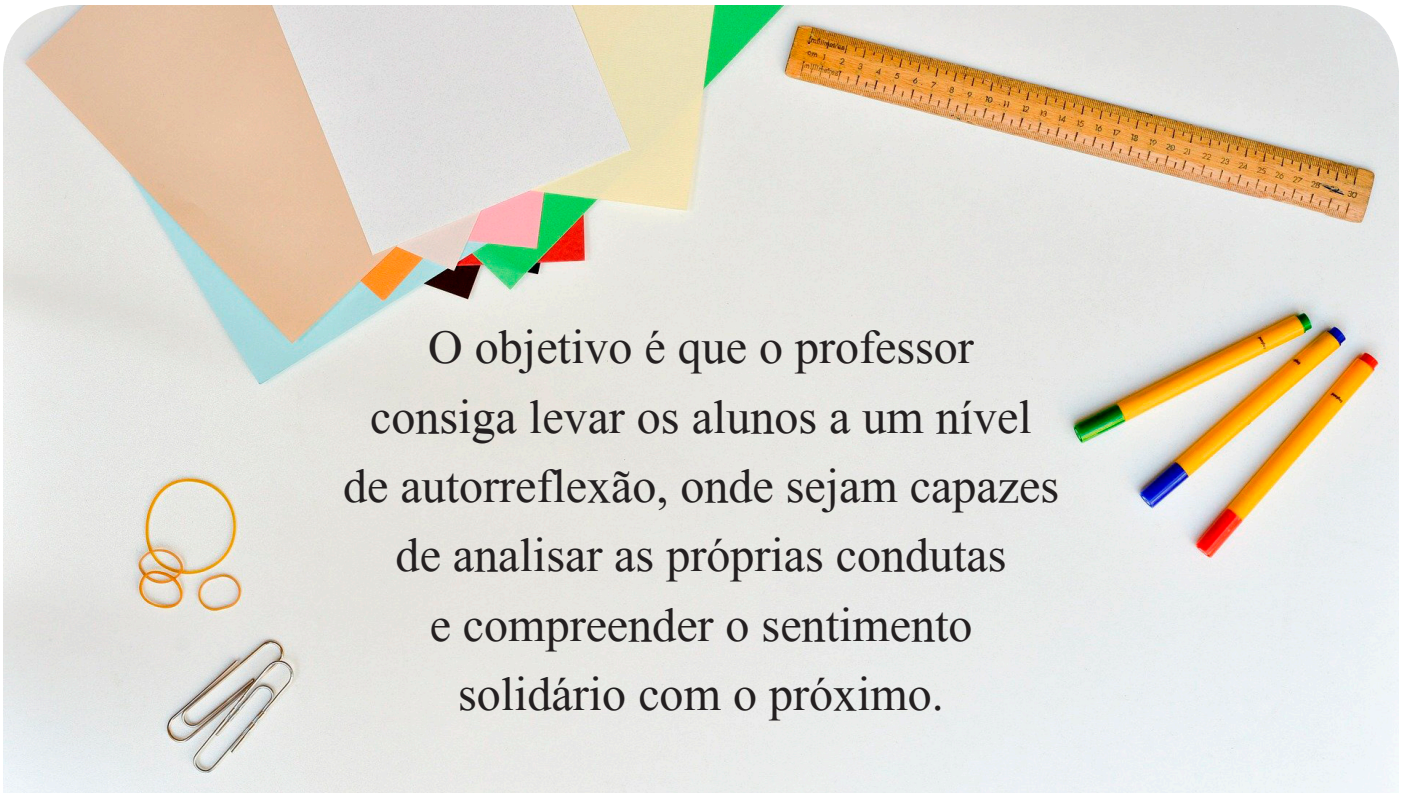
A temática da solidariedade, quando trazida para os bancos escolares, deve se expressar em práticas cujo objetivo deve ser o de apresentar um avanço sob uma perspectiva educacional que considere a pessoa e, mais especificamente, o aluno em sua completude ou totalidade, em que a dimensão solidária seja privilegiada como caráter integrativo do processo de formação para a vida em sociedade e, concomitantemente, para a sua humanização.

Diretamente ligada aos 4 (quatro) pilares da Educação e para a preparação do aluno (e futuro cidadão), o verbo solidarizar-se vai se manifestar no cotidiano escolar e na vivência do saber ser, saber conviver, saber conhecer e saber fazer, sob a ótica de uma educação solidária.

Consoante aos quatro pilares da Educação, pode-se dizer que, em termos de solidariedade há, então, um saber solidarizar-se, o qual agregaria, em suas práticas, todo o espectro de convivências possíveis: o ser, o conviver, o conhecer e o fazer.

Nunca podemos esquecer que os ambientes escolares, assim como o familiar, são espaços privilegiados de desenvolvimento, nos quais os processos educativos são fatores contribuintes para uma representação que os alunos tem da realidade e, neste exercício reflexivo, encontram-se pilares básicos para a construção da solidariedade.

Assim, é fácil concluir que a forma mais assertiva de se incentivarem práticas solidárias na escola é por intermédio da autorreflexão: convencer e fazer com que os alunos possam enxergar a si mesmos em todas as suas ações. O objetivo é que o professor consiga chegar a esse ponto (um verdadeiro nível de inflexão em termos educacionais), em que os alunos tenham a mínima capacidade de analisar as próprias condutas e, ao mesmo tempo, acendrar o sentimento solidário com o próximo.



E, por fim, como formas de construções práticas da solidariedade (em sala de aula e fora desta) e de sua entronização na personalidade do indivíduo, tem-se dinâmicas das disciplinas (de forma isolada ou multidisciplinar), as quais exteriorizam as teorias e as trazem para o mundo da prática, constituindo-se como excelentes ferramentas para que o valor solidário seja entendido, percebido e, por fim, praticado.

Com base no exposto, verifica-se que o saber fazer que guiará as ações pedagógicas quanto às práticas solidárias é um fator de sucesso quando vislumbrado a partir de uma perspectiva colaborativa solidária. Arvora-se em metodologias que problematizarão as diversas possibilidades de resolução dos conflitos que se apresentam ou surgirão nas relações interpessoais da escola ou da vida em sociedade do estudante.

No capítulo dedicado às possibilidades de práticas solidárias veremos como isto pode se efetivar de forma concreta.

Nos diversos momentos planejados ou, ainda, naquelas oportunidades nas quais os professores (de qualquer disciplina) encontrarem espaços disponíveis com a sua turma, com algum grupo ou mesmo com alguns de seus alunos, os cenários que favorecem relatos de eventos ocorridos no dia ou num passado bem próximo são incríveis e prósperos palcos para que o valor da solidariedade seja discutido e explorado.

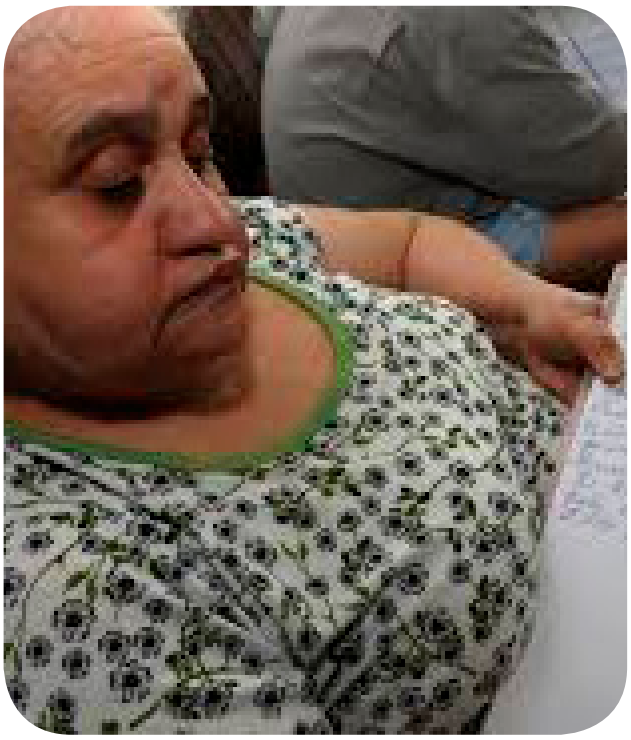
As assembleias ou minifóruns são excelentes dinâmicas para discutir práticas solidárias, tendo o professor como mediador das mesmas, pois o docente conhece os integrantes da turma, podendo explorar-lhes capacidades e habilidades ao máximo, ao mesmo tempo em que saberá conter as possíveis exacerbações, caso ocorram.

Durante as assembleias ou minifóruns – os quais não necessitam, eminentemente, ser em uma sala de aula – será possível trabalha a solidariedade na sua plenitude. Numa assembleia on-line, por exemplo, onde os alunos terão acesso a uma gama de informações por estarem num ambiente mais confortável ou não estarão expostos frente a frente com outros colegas, a aprendizagem a respeito da solidariedade e de sua prática no cotidiano podem ter rendimentos bem superiores àqueles esperados num ambiente presencial.

Tais dinâmicas são momentos singulares para os docentes trabalharem, inclusive, suas capacidades e habilidades, principalmente a mediação e, concomitantemente, explorarem o valor da solidariedade agregado a outros conteúdos atitudinais como senso de justiça, companheirismo, respeito mútuo, alteridade e a empatia.

Nestas rodas de conversa, mediadas pelos docentes, há excelentes oportunidades de se discutirem problemas relativos ao cotidiano da escola, às relações entre alunos, entre estes e professores, ao entorno da unidade escolar e, até mesmo, da comunidade sendo que as possíveis propostas de solução surgirão dentro dos próprios fóruns.

1ª - Leitura para pessoas acamadas: o Português, a Literatura e a Produção textual unidas numa prática solidária e singular



Projetos de leitura coletiva têm, cada vez mais, rompido os muros e as fronteiras das escolas e das universidades. As competências leitoras – praticadas e difundidas no simples ato de ler para alguém – podem contribuir, e muito, no processo de recuperação de hospitalizados ou sendo uma alternativa balsâmica no aplacamento da solidão de pessoas que não possuem familiares ou amigos que as visitem numa unidade hospitalar.

2ª – Gincanas solidárias: a Educação Física e a Sociologia como promotoras da solidariedade

A educação voltada ao mercado de trabalho e, por vezes, eivada por práticas capitalistas deve ser repensada, mediante uma reeducação cujo sentido é o compartilhamento. Assim, compreende-se o verdadeiro sentido e o poder da solidariedade. As práticas esportivas, precedidas por atos solidários, são lastros de uma vida saudável, digna e promotora da justiça e para a qual os jovens devem ser preparados. Gincanas solidárias (precedidas por arrecadações de alimentos, de agasalhos ou de artigos que confortarão a vida de uma pessoa ou família) e, num ambiente, no qual, até mesmo um adversário vencido ganhará, são excelentes cenários para práticas solidárias originadas a partir de um consórcio de docentes da Educação Física, da Sociologia, da Filosofia e de outras disciplinas.

3ª – Biblioteca humana: a Sociologia e o Português unidos nos relatos pessoais e na sala de aula

Uma interessante forma de projeto que encarna, em narradores reais, as personagens e relatos de experiências contidos nos livros ou, ainda, na própria vida das mesmas. Oportunizar tais encenações é experienciar as possibilidades fruidoras da arte e em profunda configuração e consonância solidária, a partir de exemplos vivos para os alunos.

4ª – Monitoria na própria escola, em outras unidades escolares ou em comunidades carentes: o Português, a Produção textual e outras disciplinas para além das teorias e dos bancos escolares

Iniciativa, há tempos, praticada por várias escolas e que rompe os muros escolares, é a prática da monitoria pelos próprios alunos, principalmente por aqueles com bons rendimentos em uma ou mais disciplinas.

Compartilhar conhecimento e, por vezes, comunicar-se, de forma mais fácil e inteligível, com os seus pares, é uma forma de solidariedade exemplar, aliada à compaixão e à compreensão das limitações do outro. Num cenário de profunda desigualdade de acesso à informação e de desníveis entre centros e unidades educacionais (seja entre o público e o privado, entre instituições privadas e suas similares ou, ainda, entre escolas públicas), muitas vezes, numa mesma região, nada é mais solidário do que compartilhar uma das maiores riquezas do ser humano: o conhecimento.

5ª – Empreste-me seus sentidos, seja meus membros!

A finalidade desta prática solidária é que o (a) aluno (a) possa auxiliar pessoas com deficiências (totais ou parciais), tais como aquelas com cegueira, amputadas, ou ainda que, por fazerem uso de equipamentos (como cadeiras de rodas) ou próteses, apresentem limitações em suas atividades diárias. Tal prática pode se expressar em eventos previamente planejados pela escola, tal como numa paraolimpíada escolar, momento no qual PcDs são convidadas a competir tendo alunos como seus guias, como seus técnicos ou, mesmo, como seus auxiliares Para sua efetivação, inicialmente, a turma ou mesmo a escola pode compor duas comunidades: uma de alunos voluntários a prestarem assistência e, outra, de pessoas com deficiência (PcD). Após isso, mediante interações (pessoais ou virtuais), mediadas por docentes e profissionais especializados (pedagogos, psicólogos e psicopedagogos), com a aquiescência dos pais ou responsáveis bem como a identificação de alunos com os futuros auxiliados, podem ser agendados encontros, permeados por supervisão escolar e de forma que os discentes prestem, de forma sazonal, o auxílio à PcD.

Uma formidável prática solidária!

Conclusão

A finalidade da presente cartilha é que, com as práticas solidárias escolares propostas e aliadas a outras, advindas da criatividade e da experiência do professor, o sentimento de solidariedade bem como outros como o senso de justiça, a compaixão, a alteridade, a colaboração sejam despertadas nos alunos de forma que o colega, o outro seja visto, a cada dia, sob uma nova ótica, por meio desse "cultivo" de valores.

É imperioso que se dê a relevância a essas práticas pedagógicas – quer de forma isolada quer de maneira interdisciplinar - pois o ensino não pode se resumir, apenas, ao conteúdo ministrado em sala de aula.

Os grandes objetivos de formar cidadãos que promovam uma sociedade livre e justa bem como desenvolver uma educação de qualidade são aliados na formação dos caminhos que promovem o desenvolvimento da Humanidade.

Dentre as inúmeras finalidades da educação está a de promover ações de valorização dos sujeitos, cujo cerne é a formação de indivíduos habilitados a conviver, a agir e, mais ainda, a intervir nas relações e nos contextos sociais nos quais estão imersos.

O trabalho procurou pautar-se pelo pragmatismo aliado ao equilíbrio e à harmonia no que se refere às propostas de práticas pedagógicas, não se tornando mais um anexo ou um adendo dos planos de ensino escolares. Muito menos tem o intuito de sobrecarregar os docentes ou discentes com mais uma atividade extracurricular. O foco é que, nas atividades já previstas pela escola ou pelo próprio professor, a temática da solidariedade permeie, de forma fluida, o planejamento e a execução, inicialmente propostos pelo docente e que, assim, de forma intuitiva, o espírito solidário seja desenvolvido.

Enfim, a intenção, deste produto didático é ser uma ferramenta auxiliar do professor no que se refere à formação de sujeitos protagonistas com sua formação e que, ao mesmo tempo, importem-se como próximo. E, com base nessa consciência de indivíduo solidário e de convivência em sociedade, a educação, de fato, exerça o seu poder transformador.

BRASIL. Congresso Nacional. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.

_____. **Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, DF: 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm . Acesso em: 16 abr. 2021.

_____. Ministério da Educação. **PCN**: apresentação dos temas transversais: ética/Secretaria de Educação Fundamental. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

_____. Ministério da Educação e Cultura. **Base Nacional Comum Curricular**. 2017. Ensino Médio. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/historico/BNCC_EnsinoMedio_embaixa_site_110518.pdf. Acesso em: 20 jun. 2021.

_____. Ministério da Educação e Cultura. **Base Nacional Comum Curricular**. 2019. Ensino Médio. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/historico/BNCC_EnsinoMedio_embaixa_site_110518.pdf. Acesso em: 20 jun. 2021.

DELORS, Jacques et al. **Educação um tesouro a descobrir** – Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Séc. XXI. São Paulo: Cortez Editora, 1998. Disponível em: http://dhnet.org.br/dados/relatorios/a_pdf/r_unesco_educ_tesouro_descobrir.pdf. Acesso em: 10 abr. 2021.

DURKHEIM, Émile. **Da divisão do trabalho social**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1977.

_____. **A divisão do trabalho social** [1893] Trad. Eduardo Freitas e Maria Inês Mansinho. 2. ed. Lisboa : Editorial Presença, 1984.

_____. **Da divisão do trabalho social**. Trad. Eduardo Freitas. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

HABERMAS, Jürgen. (1990). **Individuação através de socialização**. Sobre a teoria da subjetividade de George Herbert Mead. In: Pensamento Pós-Metafísico - Estudos filosóficos. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, p. 183-234.

_____. **Uma visão genealógica do teor cognitivo da moral**, in: A Inclusão do Outro – estudos de teoria política. Trad. George Sperber e Paulo Astor Soethe. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

_____. **A inclusão do outro**: estudos de teoria política. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

TUGENDHAT, Ernst. **Vorlesungen über Ethik**. Frankfurt: Suhrkamp, 1993.

_____. **Lições sobre Ética**. 4. ed. Petrópolis, RJ. Vozes. 1996. 430p.

_____. **Lições sobre ética**. Petrópolis: Vozes. 1999.

ISBN: 978-65-00-27912-2